

Estudo propõe criação de empresa centralizadora

Especialistas, envolvidos no projeto, querem organizar um pool de operações do sistema elétrico

RENÉE PEREIRA

Especialistas envolvidos na elaboração do programa energético do Partido dos Trabalhadores (PT) estão finalizando proposta para a criação de uma grande empresa centralizadora dentro do setor elétrico brasileiro, que incorporaria as atividades do Mercado Atacadista de Energia (MAE) e do Operador Nacional do Sistema (ONS). Encabeçado pelo professor da Universidade de São Paulo (USP), Ildo Sauer, o trabalho propõe aproveitar a estrutura jurídica da Comercializadora Brasileira de Energia Emergencial (CBEE), uma estatal criada para negociar a energia das usinas móveis, que originou o seguro-apagão. "Esse será o destino útil para um órgão usado para fazer maldades", destaca Sauer.

Segundo ele, a idéia é organizar um pool de operação do sistema elétrico com quatro diretorias distintas: planejamento, operação, desenvolvimento e comercialização. Esta última, de acordo com a proposta, seria responsável por todos os contratos de energia entre geradoras e distribuidoras. Ou seja, a empresa compraria a eletricidade das geradoras e revenderia para as concessionárias a preços bastante atraentes, garante Sauer.

Isso valeria tanto para as geradoras estatais como para as privadas que tiverem interesse no sistema proposto. Os novos empreendimentos teriam contratos automáticos com a empresa, pois o programa petista prevê a criação da figura do concessionário de serviço público de geração. Nesse caso, o vencedor de uma licitação será aquele que apresentar proposta de menor tarifa da energia, acabando com ágios dos leilões. Em contrapartida, o investidor terá a garantia de venda da energia por contrato firmado com a CBEE.

Segundo o professor, os contratos serão firmados com prazos de dez anos, sendo revisados anualmente. "O mecanismo garantirá a expansão do sistema; hoje o investidor privado não coloca dinheiro no setor porque não tem para quem vender sua energia." O acerto de contas das transações, no entanto, seria feito por uma empresa independente, especializada e dedicada exclusivamente aos serviços de custódia de valores e liquidação de operações, como a Câmara Brasileira de Liquidação e Custódia (CBLC).

Outras diretorias - A Diretoria de Operação, que no modelo absorve a estrutura do atual ONS, deixaria de planejar a expansão da transmissão no médio e longo prazos, o que ficaria a cargo da Diretoria de Planejamento. Por outro lado, teria de propor a ampliação e reforços da rede para o governo. Já a área de planejamento, segundo o trabalho, ficará responsável pela expansão da geração, transmissão, estudos de mercado e estudos ambientais. Esse departamento garantirá que os empreendimentos mais baratos sejam realizados primeiro.

Caberia à Diretoria de Desenvolvimento Energético centralizar as contas do setor criadas para incentivar vários programas, como o Programa de Fontes Alternativas (Proinfa), Conta de Consumo de Combustível (CCC), entre outros.

Além disso, esse departamento ficaria responsável pela coordenação, análise e incentivo do uso de eletricidade local e conservação de energia.

Segurança - Segundo Ildo Sauer, o pool de operações do sistema elétrico elimina riscos hidrológicos e de mercado para os empreendedores do setor, que terão mais segurança de investir no sistema elétrico nacional. Ele

explica que esse modelo de empresa, ou pool como prefere classificá-lo, vem sendo estudado desde 1995. Mas somente agora existe a chance de ser adotado.

O trabalho foi apresentado para alguns bancos nacionais e estrangeiros e, por enquanto, teve boa receptividade, garante. Sauer explica que para delinear o modelo da empresa ele apenas usou as premissas do programa energético do PT, apresentado durante a campanha eleitoral. "É um detalhamento do plano que a população conhece", afirma ele, ressaltando que a alternativa oferecerá ao consumidor final tarifas baixas, além de promover a expansão e afastar possíveis apagões no País.

Inicialmente se estudou a possibilidade de incorporar esse pool à Eletrobrás, mas por causa das demais atividades da empresa, a opção ficou distante, embora ainda não esteja completamente descartada. "A CBEE é ideal, mas tem uma péssima imagem por causa do seguro-apagão."

Na semana passada, a proposta de criação da empresa foi debatida amplamente entre Sauer, o diretor da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia (Coppe) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luiz Pinguelli Rosa, e o coordenador da Coppe, Maurício Tolmasquim. Todos participaram da elaboração do programa energético do PT.